

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CARTA BRANCA A DAVID STENN

19 e 24 de Julho de 2025

Bombshell / 1933

um filme de VICTOR FLEMING

Realização: Victor Fleming *Argumento:* John Lee Mahin, Jules Furthman *a partir da peça de* Caroline Francke e Mack Crane (1932) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Mack Crane *Som* (mono): Douglas Shearer, William Steinkamp *Montagem:* Margaret Booth *Direcção Artística:* Merrill Pye *Guarda-Roupa:* Adrian *Interpretação:* Jean Harlow (Lola Burns), Lee Tracy (E.J. "Space" Hanlon), Frank Morgan (Pops Burns), Franchot Tone (Gifford Middleton), Pat O'Brien (Jim Brogan), Una Merkel (Mac), Ted Healy (Burns Jr.), Ivan Lebedeff (Hugo, Marquis Di Pisa) Isabel Jewell (Lily), Leonard Carey (Winters), Mary Forbes (Mrs. Middleton), C. Aubrey Smith (Mr. Wendell Middleton), etc.

Produção: Metro Goldwyn Mayer-MGM (Estados Unidos, 1933) *Produtor:* Irving Thalberg *Produtor associado:* Hunt Stromberg *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, 95 minutos, falada em inglês e legendada electronicamente em português *Estreia Mundial:* 11 de Outubro de 1933 *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Novembro de 2006 ("Hollywood Pré-Código 1930-1934").

sessão de dia 19 apresentada por David Stenn (em inglês) | a sessão de dia 24 decorre na Esplanada

O título britânico deste filme é um mais descritivo *Blonde Bombshell*, expressão que aplicada a Hollywood, aos anos 1930, e mais especificamente ainda, se preciso fosse, ao "Pré-Código", remete de imediato para Jean Harlow. Tanto que ficou colada à sua imagem, e à sua influência em estrelas vindouras, pelo menos na mesma medida do *Platinum Blonde* do filme homónimo (Capra, 1931). Qualquer pesquisa bibliográfica sobre a actriz o comprova – "The original blonde bombshell", "Harlow's Time Bomb", etc., etc., etc., ou, outro exemplo, "Bombshell, the Life and Death of Jean Harlow" [1911-1937], título de uma das suas biografias. A de David Stenn, originalmente publicada em 1993, em Nova Iorque, numa primeira edição em que a badana imprime, sob as letras maiúsculas do nome de Jean, H A R L O W: "O nome abrevia uma era, a década da Grande Depressão na qual a crueza da realidade exigiu a produção de filmes de luxúria fantasiosa – e nenhuma estrela de Hollywood era tão exuberante e fabulosa como Jean Harlow. Era o activo mais rentável da MGM, uma loira explosiva cujo cabelo platinado, corpo voluptuoso e peculiar sentido de decoro inspiraram um culto fervoroso que continua vivo. [...] A vida de Harlow ["a ascensão improvável da maria-rapaz de tez clara em Kansas City, o êxito em Hollywood e o trágico desfecho"] foi um poço de contradições. [...]"

E se foi *actriz, atriz*, de uma agilidade de movimentos tão pronta como a das falas estonteantes e espirituosas, Jean Harlow foi sobretudo olhada como um símbolo sexual dos anos 1930 iniciais em Hollywood, uma estrela magnética e meteórica. *Bombshell*. Victor Fleming filmou-a na pele de Lola Burns nesta produção MGM a partir do argumento baseado numa peça aparentemente nunca levada à cena. E pode argumentar-se pormenorizadamente que a história satiriza, brinca com a de Clara Bow (1905-1965), a estrela da Hollywood dos "loucos anos 1920", da era do mudo e da passagem para os filmes falados do sonoro, a "It Girl" (que David Stenn igualmente biografou em "Clara Bow: Runnin' Wild", 1998). Pode argumentar-se que Lola Burns é um reflexo de Bow, com as personagens do pai, do assistente, do marido, do produtor a reflectirem as do círculo familiar e profissional de Bow. O que impressiona em *Bombshell*, o propriamente dito filme, é, no entanto, como este joga já com a imagem de Jean Harlow, e mais do que isso parece inspirar-se em factos reais da sua vida, na altura recentes, num sumarento retrato da vida das estrelas dos grandes estúdios de Hollywood da época, nem por isso muito cor-de-rosa.

É um dos padrões dos filmes "Pré-Código", o facto de *nem por isso serem muito cor-de-rosa*, ou não o serem necessariamente, intocados pela imposição moralista de pressupostos de decência e bons costumes que a partir de meados de 1934 trocava muitas vezes com a regulação dos conteúdos dos filmes a pautar-se pelas imposições do Código Hays. A honestidade visível no retrato dos bastidores de Hollywood em *Bombshell* é por isso surpreendente – um estúdio alinha na encenação satírica dos seus próprios mecanismos de

funcionamento, uma estrela explosiva encarna um papel de explosiva jovem estrela de cinema submetida a exigências e enganos do estúdio para o qual trabalha, num descomedimento que expõe as faces ridículas de um mundo de imagem de sonho. Visível perversidade, a que se nota no aproveitamento, por acordo tácito, da vida e imagem de uma atriz que mima aspectos do seu círculo privado de uma forma que esclarece como os intervenientes estão cientes das regras do jogo em que se movem e, por outro lado, suficientemente à vontade para as tratarem pelo nome próprio. Ilustram-no de forma especialmente pródiga os diálogos. Cite-se o passo em que o publicista do estúdio encarregue da gestão da imagem de Lola Burns – incendiário nome, *queima* – responde de uma só e simples tirada aos repórteres vindos para averiguar uma anunciada vontade da atriz em ter um filho: “Don’t you know that Lola Burns can’t have babys?”, “Why?”, “It’s not in her contract.”, “Oh” [o tom do “oh” é o de um “ah, nesse caso, pronto, conversa acabada”]. (Mais) Palavras para quê?

Se a protagonista, Lola, pode ser liminarmente identificada com a atriz que lhe dá corpo, Jean, por factos e episódios definitivamente pessoais, interessa é observar o auto-retrato dos estúdios – *Bombshell* faria um excelente “double-bill” com *Sunset Boulevard*, de Billy Wilder com Gloria Swanson (1950), por exemplo, “movies on movies”. E em *Bombshell* “o auto-retrato” começa logo na sequência inicial com a montagem das imagens de capas de revistas, fotografias e até um excerto de Harlow e de Clark Gable em *Red Dust* (*Terra Abrasadora*, 1932), sendo que no “filme dentro do filme”, o trabalho de Lola Burns no estúdio (Monarch Film Inc.) trata de “retakes de *Red Dust*”. Na vida real, Harlow percorrerá o seu caminho para o estrelato, desempenhando uma série de figurações e pequenos papéis, creditados ou não, desde finais dos anos 1920. A sua primeira grande oportunidade surge em 1930 no épico *Hell’s Angels* de Howard Hughes, quando o projecto passou de mudo a sonoro e foi preciso re-filmar e substituir a atriz originalmente prevista para o papel. *The Public Enemy* e *Platinum Blonde* (título conseguido por Hughes junto dos produtores do projecto, originalmente baptizado “Gallagher”, para promover a imagem de Harlow) foram passos importantes, e a passagem do contrato com Hughes (assinado em 1929) para a MGM (de Abril de 1932) foi decisivo.

“Harlow tornou-se Harlow” na MGM, protagonizando dois filmes em que brilharam a luminosa fotogenia e o talento, *Red-Headed Woman* (*A Mulher dos Cabelos Vermelhos*, Jack Conway, 1932) e *Red Dust*. Dois filmes curiosamente “ruivos” para a mais platinada das loiras: um de facto (Jean Harlow de cabeleira ruiva), outro no sentido figurado que o título indica – *Red Dust* é uma primeira adaptação, por Fleming, da peça a que John Ford voltaria em 1953 com *Mogambo*, levando consigo Ava Gardner e, de novo e para o mesmo papel, Clark Gable. Na época de *Bombshell* (já depois de *Dinner at Eight*, de Cukor), Jean Harlow era a coqueluche de Hollywood, estrela de primeira grandeza sob contrato na MGM, onde, em meados dessa mesma década, conquistara em definitivo o lugar da grande vedeta feminina do estúdio. “Nos filmes vestia muitas vezes vestidos compridos de cetim branco a combinar com o tom de pele e o cabelo platinado, que lhe davam um aspecto único de rara qualidade luminosa. Harlow brilhava no ecrã, destacava-se e prendia a atenção do espectador, atenção essa que nunca perdia. Não era uma deusa inatingível como Garbo, mas humana e com um sentido de humor que fazia dela uma atriz fabulosa. Enquanto *original blonde bombshell* [sublinhado nosso], estabeleceu os parâmetros para atrizes como Marilyn Monroe em anos vindouros.” (Dina-Marie Kulzer)

Bombshell é o segundo dos três filmes em que foi dirigida por Victor Fleming, entre *Red Dust* (1932) e *Reckless* (*A Tentação Loira*, 1935). Bastaria a sequência do despertar na primeira manhã, com o rodopio de gente, cães, cremes e movimentos à volta dela, do quarto de dormir ao camarim do estúdio, com trajecto de carro incluído, para que o filme ofereça a vibração que se pressupõe ter estado na origem das intenções do projecto... que como *nem por isso é muito cor-de-rosa*, faz a sua protagonista dar voltas e voltas para acabar, com ela, na mesma exacta situação em que a descobre, rodeada de gente, cães, cremes e agitação. Entretanto há espaço para muitos enganos e a estapafúrdia sequência no deserto de gatos. Há, aliás, espaço para dar largas à imaginação e algumas beliscadelas no modo de vida promovido pelos estúdios para os seus assalariados (mesmo as estrelas o eram), com a manipulação por palavra de ordem e o poder de encaixe como qualidade necessária à sobrevivência no meio. Mas com que encanto.

Maria João Madeira